

É possível ser mulher na Ciência?

Is it possible to be a woman in Science?

Resumo

A desigualdade entre homens e mulheres, em diversos campos, mantém-se: elas ainda são minoria na política, nos negócios, passaram séculos sem poder votar e recebem salários menores. Dados mostram que, apesar do aumento do número de mulheres nas áreas das Ciências da Natureza no Brasil, elas ainda são minoria nestas áreas, e, conforme se avança na hierarquia da carreira, esse número cai significativamente. Considerando este cenário, está sendo desenvolvida uma Dissertação sobre os fatores que têm contribuído para afastar as mulheres da carreira científica, além de se buscar os que possam tê-las auxiliado na permanência na carreira acadêmica, cujos resultados parciais são relatados no presente artigo. Realizaram-se entrevistas e a análise estatística do conteúdo da transcrição desses relatos foi feita com o emprego do software Iramuteq, cujo resultado evidencia a conectividade das palavras mais citadas, sendo que seus significados foram percebidos pelo contexto delas na narração transcrita.

Palavras chave: mulheres, ciência, ciências exatas, gênero.

Abstract

Inequality between men and women in various fields is extensively studied: women are still the minority in politics, in business, have passed centuries without being able to vote and still receive lower wages. Data show that, despite the increase in the number of women in the field of natural sciences in Brazil, women are still a minority in these areas, and as the career hierarchy progresses this number drops significantly. From this scenario, we investigated the factors that can make women scientists remain in the area, in addition to inferring possibilities that distance women from their career, or even from the choice of the field. Therefore, nine interviews were conducted, of which four have already been analyzed and are reported in this article. From these autobiographical reports, the content of transcribed texts was analyzed through textual statistics of the most cited words, as well as an analysis of the meaning of these words in the context of each narration.

Keywords: women, science, gender.

Introdução e objetivo

No Brasil, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que o salário das mulheres ainda é menor do que o dos homens: elas receberam 73,6% da renda que eles receberam, em 2013. Os estudos ainda apresentam que, mesmo em áreas em que as mulheres são maioria, elas também ganham menos do que eles.

Nas áreas da Ciência (Ciências da Natureza - Física, Química e Biologia -, Matemática, Computação e Estatística), segundo dados da UNESCO (2015), apenas 33,1% do total de

graduados nessas áreas, no Brasil, são do gênero feminino.

Gênero, assim como sexualidade, raça, cor e classe são classificações que implicam em diferenças. Ao falarmos sobre gênero, o senso comum refere-se a classificações dicotômicas e hierárquicas entre feminino e masculino, mas também é importante entender as relações de poder entre homens e mulheres.

As feministas americanas começam a utilizar as definições de gênero tratando das relações sociais entre os sexos, ou seja, rejeitando todo o tipo de justificativa biológica que empregue os termos “sexo” ou “diferença sexual” (SCOTT, 1995). A autora Joan Scott (1995) explica que os estudos que envolvem relações de gênero são dificultados por não conseguirem mudanças de paradigmas históricos, já que o termo, nesse uso descritivo, evidencia uma série de relações sociais, mas não explica como resolvê-las.

Linda Nicholson (2000) complementa a definição de gênero, pensando no termo como referência à personalidade e ao comportamento e não aos corpos biológicos. As discriminações baseadas nas diferenças entre corpos femininos e corpos masculinos, ou seja, a suposição de uma série de diferenças a partir da ideia “biológica” entre os corpos, foram definidas pelas feministas do início da segunda fase do feminismo (1960 a 1980, aproximadamente) como “sexismo”, conduzindo à naturalização das desigualdades de gênero, isto é, utiliza-se a justificativa de as mulheres e os homens “nascerem assim” e, por isso, exibirem determinadas características ou comportamentos.

A construção social é independente do sexo ou do gênero: homens e mulheres podem ter diferentes vivências familiares, escolares, históricas e culturais, e isso não se vincula necessariamente ao sexo biológico, ou ao gênero com o qual o sujeito se identifica; são conjuntos de relações sociais, históricas e culturais que compõem essa estrutura.

A noção do que se entende por estereótipos aparece a partir dessa relação social. Diferentes contextos sociais podem gerar diferentes estereótipos. Bardin (1977) define estereótipo como a representação de um objeto (coisas, pessoas, ideias) e a imagem que surge espontaneamente a partir dele. Os estereótipos contêm as concepções de feminino e masculino e as justificativas para a naturalização de cada uma delas no senso comum.

Raewyn Connell (2015) ressalta que essa diferença de gênero naturalizada ressalta padrões sociais de variados tipos, o que resulta em domínios de gênero. Segundo ela, essa ideia trata de como as relações entre pessoas, grupos e objetos estão estruturadas por este conceito, constituindo relações de gênero que se configuram por domínio, o que pode variar de uma sociedade à outra.

A sociedade como um todo é construída como propriedade predominantemente masculina e nas Ciências Exatas, campo ocupado majoritariamente por homens, se explicita essa relação de poder. Essas construções não só afastam as mulheres dessas carreiras, como acarretam em contextos discriminatórios (FÁVERO, 2010) quando elas já estão nessas áreas, o que acaba, também, afastando-as em evasões e desistências. Esse distanciamento também se dá no que se refere ao alcance de maiores cargos na hierarquia acadêmica.

No presente artigo apresentam-se os resultados de uma pesquisa sobre motivos que afastam as mulheres da carreira científica e aqueles que permitem entender por quê há mulheres que permanecem nessa área.

Metodologia

A metodologia de pesquisa utilizada é a das narrativas (auto)biográficas, uma vertente da

História Oral (HO), que se baseia na realização de entrevistas. A partir de relatos sobre a trajetória pessoal, é possível compreender quais fatos do passado e do presente foram relevantes para o tema investigado. Segundo Meihy (2006), a História Oral tem caráter transformador e está diretamente ligada a realidades sociais e culturais.

As entrevistas são narrativas (auto)biográficas, em que as convidadas falam sobre sua trajetória de vida, enfatizando os pontos que acharem importante mencionar, com o mínimo de interferência do pesquisador.

A narrativa (auto)biográfica no contexto da História Oral, assim, parte de cada voz que cede seu relato profissional ou pessoal, e, assim, auxilia na abordagem de aspectos sociais e culturais como, por exemplo, a questão das mulheres na sociedade, e, mais especificamente, nas Ciências da Natureza.

As entrevistas são transcritas seguindo o conceito de transcrição, como proposto por Haroldo de Campos (1977), em que se decide pela maior adesão ao conteúdo, em vez da forma, ou seja, transforma-se o relato oral em texto, minimizando interferências, como possíveis vícios de linguagem, frases confusas e pausas durante a fala, que se constituiriam em distratores no texto escrito.

As entrevistadas são mulheres cientistas acadêmicas, de diferentes faixas etárias, vinculadas a universidades públicas, das áreas de Química, Bioquímica, Matemática e Física, em momentos diferentes da carreira.

Análise dos resultados

O texto final transcrito foi analisado segundo os preceitos da análise de conteúdo (BARDIN, 1977) para a construção de categorias, que emergiram de leituras sucessivas de cada uma das entrevistas de acordo com critérios léxicos e semânticos. Utilizando um *software* adequado, o Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*, 2008), obtiveram-se as “árvores de similitude máxima”, que são representações gráficas de matrizes de co-ocorrência simples: as palavras mais citadas ficam em destaque, ligando-se às demais (*vide* Figuras 1 a 4). O significado dos termos em destaque foi evidenciado considerando-se as categorias obtidas da análise de conteúdo das transcrições das narrativas (auto)biográficas.

Resultados

Entrevistada (A)

É professora assistente doutora na área de Matemática da Universidade onde trabalha, sempre gostou da disciplina desde os tempos de escola. Estudou em escola particular, aproximava-se das Exatas de maneira geral, especialmente da Matemática, e foi aluna de um professor, que acabou, de alguma maneira, apoiando sua escolha pela carreira e a incentivando-a no desenvolvimento dessas habilidades, marcando positivamente sua trajetória.

Com engenheiros na família, pensou em ingressar em Engenharia Civil, até “descobrir” que poderia cursar Matemática pura, opção até o momento desconhecida para ela. A família questionou sua escolha pela Matemática pura, após a graduação, no sentido de propor que ela seguisse uma carreira mais “aplicada”, como Economia, por exemplo. Após seu ingresso na carreira, optou pela Matemática pura. Era a única mulher na sala de aula durante praticamente todo seu percurso.

Segundo a entrevistada, durante toda sua trajetória, houve diversas situações em que o fato de ser uma das poucas mulheres era uma questão, mas isso só passou a ser percebido muitos anos depois. Ela relata que, seguindo sua carreira acadêmica, sentia falta de “modelos”, de representatividade dentro da área, já que só havia uma professora titular, que já se aposentou, e apenas uma professora livre-docente mulher naquele instituto.

A partir da pós-graduação, ela relata algumas situações que a incomodaram muito, desde constrangimentos e situações ruins vividas no dia a dia, na ida a eventos científicos, até situações em sala de aula, como professora.

Em um momento muito importante do relato, A relatou que, às vezes, ao pensar em como deveria se vestir em algum evento científico, sentia que tinha que ser “menos mulher” para ter maior reconhecimento de seu trabalho, ou então “menos matemática” para ser “mais mulher”. Ela relatou sentir ser quase obrigatória fazer uma opção entre ser mulher ou matemática.

Entrevistada (B)

B é formada em Biologia e, atualmente, trabalha na área de Bioquímica. É professora doutora na Universidade de São Paulo e, desde a infância, interessava-se mais pelas áreas das Ciências Exatas, do que pelas outras disciplinas: ela relata que pode ser um interesse despertado pelo professor que ministrava essa disciplina durante sua escolarização, mas que não sabe explicitar o motivo de sua atração preferencial por essas áreas.

Ao longo de toda sua graduação, não sabia exatamente que área seguiria, aproveitava a faculdade mais como lazer, estudava apenas o necessário para passar nas disciplinas e não chegou a fazer iniciação científica, estágio ou outras atividades de pesquisa. Entretanto, seu interesse pela Bioquímica surgiu bem cedo, apesar da pouca motivação acadêmica.

A família sempre apoiou suas decisões e, segundo ela, mesmo tendo escolhido Biologia, área que, nas palavras da entrevistada, “não dá muito futuro”, a família nunca se opôs à sua escolha. No entanto, algumas pessoas da família estranharam a carreira acadêmica, questionando “se ela nunca trabalharia, se só ficaria na faculdade”.

Durante sua trajetória, B relata ter escutado que era “muito bonitinha para fazer Ciência” ou que se enfeitava muito para trabalhar. Também diz que sentia, mesmo de forma sutil, que precisava produzir um pouco a mais do que os homens precisavam produzir para que seu trabalho tivesse a mesma credibilidade.

Entrevistada (C)

C é formada em Física e professora titular de sua Universidade. De certa forma, seu contato com conhecimentos advindos da área de Ciências já era grande desde sua infância. Seu pai, eletricista e militar, a convocava, junto com seus irmãos, para ajudá-lo a consertar objetos em casa, tarefa que a agradava mais do que aos irmãos e facilitou seu caminhar para a área científica.

Quando entrou na graduação, seriam oito alunas para um total de oitenta alunos. Dessas oito, duas nunca ingressaram de fato, e as outras cinco abandonaram o curso, de forma que a narradora se formou sozinha como única mulher naquele ano.

Ela relata que, na época (final da Ditadura Militar no Brasil), as lideranças estudantis eram, em geral, masculinas, não apenas aquelas das áreas das Ciências Exatas. Havia poucas mulheres, o que a incomodava muito.

C concluiu a graduação e era presidente do Diretório Acadêmico de Ciência da Universidade da qual faz parte (a primeira presidente mulher desse Diretório). Seguiu carreira acadêmica, ingressou na pós-graduação como uma das poucas mulheres na área, fez mestrado, doutorado

e pós-doutorado no exterior. Por fim, envolveu-se com alguns estudos e trabalhos sobre a questão de gênero na área das Ciências Naturais, mais especificamente na área de Física.

Durante sua trajetória, deparou-se com momentos em que seu papel como mulher cientista era questionado, ignorado e desvalorizado, como ela mesma previa que fosse mas, ainda assim, continua sua carreira até hoje, pois tem força e “agressividade”, característica que ela atribui no relato aos homens em um momento, e em outro, a si mesma.

Entrevistada (D)

D graduou-se em Matemática e é professora doutora de Estatística na Universidade de São Paulo. Ela nunca apreciou muito as disciplinas voltadas às humanidades ou à área das Ciências Biológicas; como uma professora que teve no Ensino Médio, e um professor, no Fundamental, eram muito bons como professores de Matemática, acabou, entre outros motivos, tendo seus interesses direcionados para essa área.

Ela relata que seu pai sempre dizia que queria ter filhos engenheiros e médicos, mas que mesmo assim considera que ele a apoiava em suas decisões profissionais, uma vez que não distinguia entre filhos homens e filhas mulheres. Sua trajetória seguiu-se com graduação, mestrado e doutorado.

A narradora também conta que sempre teve melhor convivência com meninos do que com meninas, e que, por isso, tem facilidade em se defender se um homem disser algo que a incomoda.

As árvores de similitude máxima obtidas a partir da análise destes relatos empregando-se o *software* Iramuteq conduziu aos grafos apresentados nas Figuras de 1 a 4.

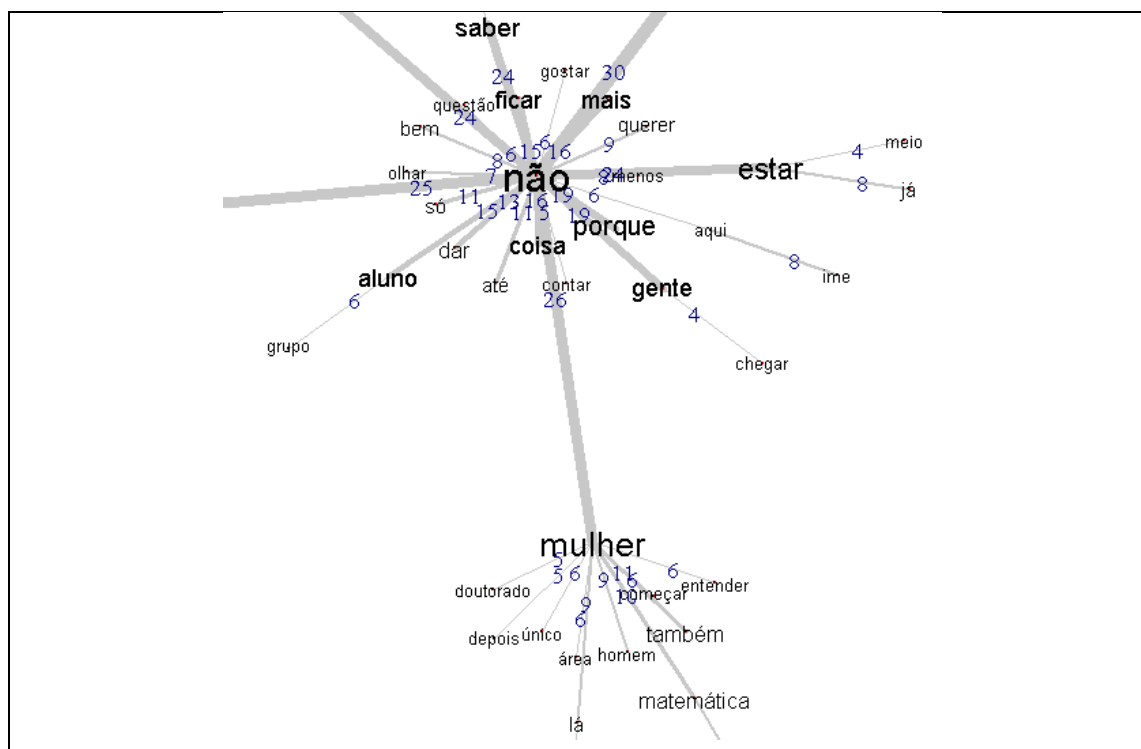


Figura 1: Trecho da árvore de similitude máxima obtida a partir do relato A.

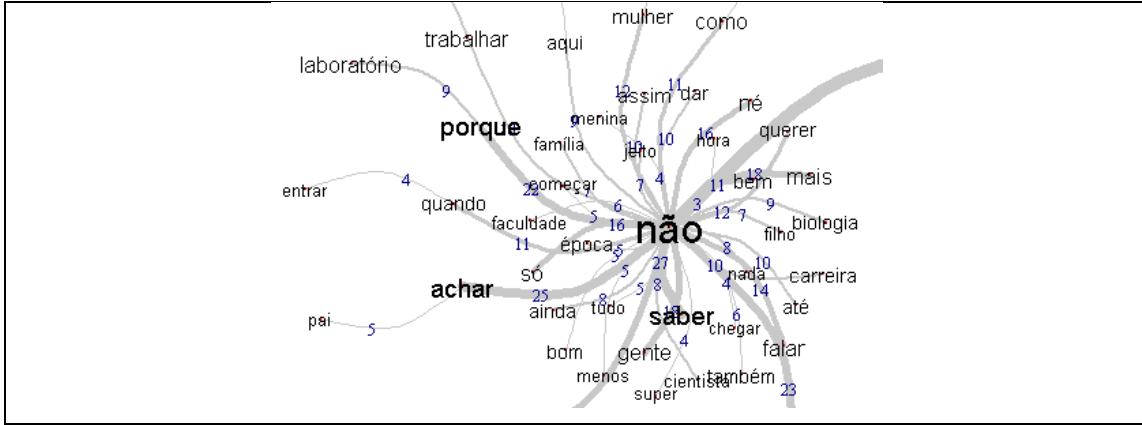


Figura 2: Trecho da árvore de similitude máxima obtida a partir do relato B.

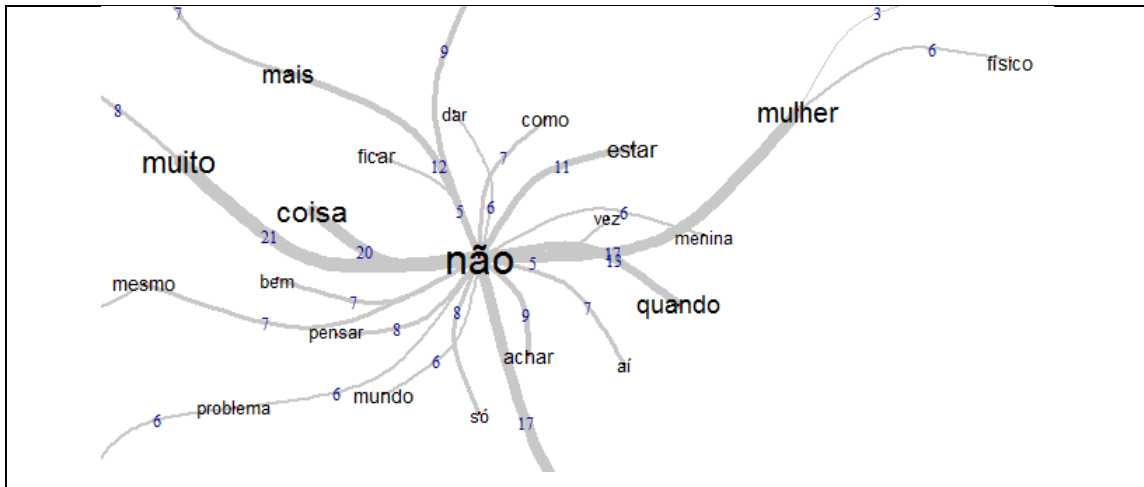


Figura 3: Trecho da árvore de similitude máxima obtida a partir do relato C.

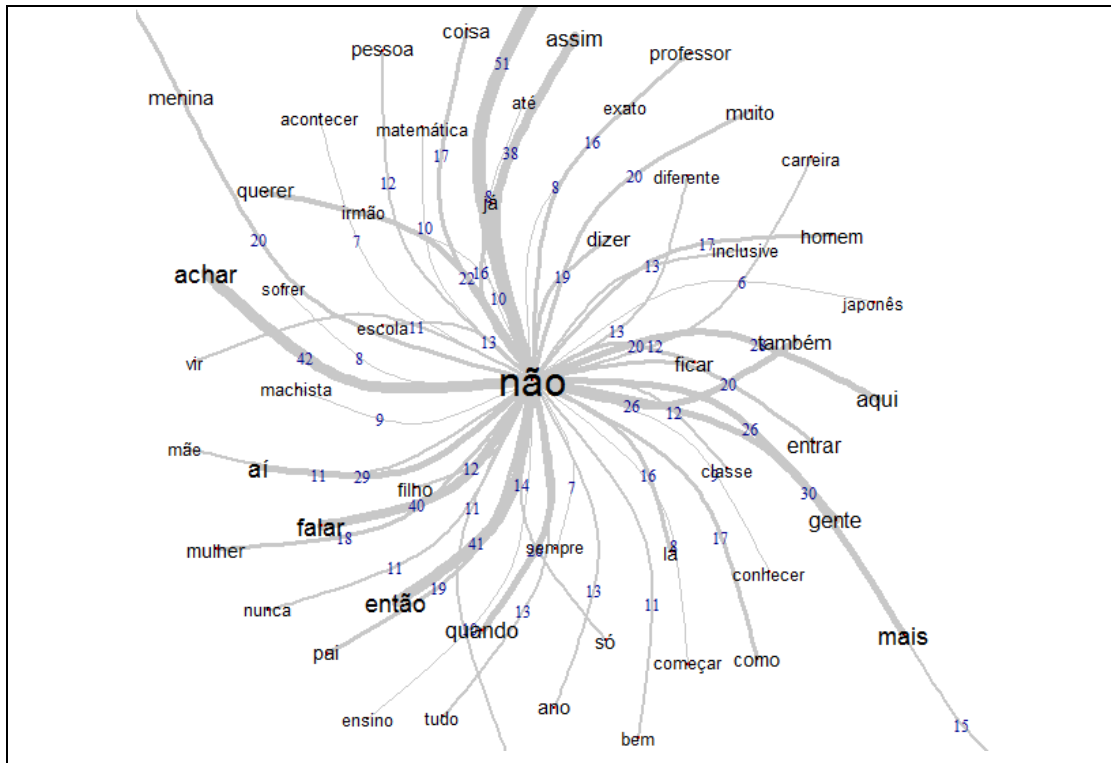


Figura 4: Trecho da árvore de similitude máxima obtida a partir do relato D.

Discussão

É importante notar que, nos quatro relatos, há a negação de algo, sendo o “não” a palavra mais citada em todos os casos, e, por isso, seu destaque maior nas árvores obtidas. A negação é tema importante na Filosofia e está em diversos estudos psicanalíticos sobre o tema. Frege (1918-1919/2002) propôs a concepção de que a negação não seria um pensamento, mas seria feita de modo formal. O trabalho de D’Agord (2006) apresenta a ideia:

“Ele mostra que, se a negação não dá existência ou tira a existência de nada, ela deve ser concebida como discursiva. É ao tema da contradição a que Frege chega, como forma última de mostrar o funcionamento da negação no discurso: dados dois pensamentos, A e a negação de A, sempre existe um, e somente um, que é verdadeiro. É, portanto, somente através do funcionamento discursivo oferecido pela negação (através da contradição) que seria possível atingir a verdade lógica (validade). [...] É na fala que é possível encontrar hesitações [...]” (D’AGORD, 2006, p. 243)

Das concepções psicanalistas freudianas, emergem duas ideias sobre a negação: uma é a negação enquanto contrário de algo ou oposto e, a outra, como constituinte do que é negado. Em ambos os casos, a negação abre a possibilidade de afirmação, o que significa que não é por ter-se algo negado, que deve ser excluído. Essa negação, segundo D’Agord (2006), “*é produtiva para a teoria psicanalítica, pois permite pensar o que não se fecha na complementaridade, mas que se abre para novas significações*”.

Junqueira (2010), em seu trabalho sobre as práticas discursivas em relação à identidade de gênero e sexualidade nas escolas, apresenta duas possibilidades de análise da negação, uma feita a partir de estudos psicanalíticos, e, a outra, a partir de análises discursivas.

O termo negação aqui empregado é tomado de empréstimo da psicanálise, sem no entanto ficar restrito a ela, pois também busco inspiração e subsídios na análise do discurso. Pela precisão, é importante observar que Sigmund Freud utiliza dois termos para “negação”. O primeiro [...], geralmente reservado para designar a recusa da percepção de um fato que se impõe no mundo exterior. O segundo, [...] comumente traduzido como “denegação” ou “negativa”, refere-se ao processo pelo qual o sujeito continua a defender-se de um desejo, pensamento ou sentimento [...]. A “recusa” é aparentemente mais deliberada, enquanto que nem sempre a “denegação” é percebida por quem a pratica. [...] Para os analistas do discurso, a noção de negação pode carregar certa ambiguidade e relacionar-se à interdiscursividade e a universos polifônicos de enunciação. Afinal, até mesmo uma negação descritiva pode não apenas “descrever um estado de coisas”, mas também envolver contestação ou oposição a asserções anteriores (explícitas ou não) [...]. (JUNQUEIRA, 2010, P. 126)

Neste caso, a negação poderia ser entendida como contestação ou oposição. A negação nesses pares citados, nas quatro entrevistas analisadas, aparece de forma espontânea, já que praticamente não há perguntas; as entrevistadas falam livremente sobre suas trajetórias de vida, destacando os temas e momentos que acham importante mencionar.

Michelle Perrot (1989) propõe que a “*negação de si está no âmago das educações femininas, sejam elas religiosas ou laicas*” e que essa é uma forma de adesão ao silêncio que a sociedade

impõe às mulheres. Ou seja, essa negação de si, mulher, é, de fato, a negação como mulher.

Nos quatro relatos analisados, um dos pares mais citados de termos é “*não*” e “*mulher*”. Este par de palavras pode indicar um mecanismo de negação da feminilidade, mesmo que a estereotipada, a aparente, a construída socialmente, para que seja possível permanecer na área, ou ter mais credibilidade no trabalho, como explícito pela narradora A.

No relato B, essa também surge a colocação de não seguir, nas Ciências da Natureza ou Exatas, o que a sociedade enxerga como “feminino”. B diz em um momento: “*E tem uma pressão até, de novo, que é uma coisa muito velada, para você não ser uma mulher muito arrumada. Eu não acho que eu sou uma mulher muito arrumada, mas um monte de gente está o tempo inteiro falando, comentando coisas a respeito da minha aparência*”.

A narradora C, em determinado momento do relato, menciona a agressividade como uma característica masculina e muito presente em sua área, a Física. Ela conta um caso em que há uma discussão de opiniões sobre um determinado assunto científico, e um dos rapazes diz que o perfume dela o teria atrapalhado em seus pensamentos e opiniões. Neste momento, ela diz: “*físicos são muito agressivos, usam qualquer instrumento para fazer sua ideia brilhar*”. Em outro momento do relato, ela atribui a si mesma essa característica: “*naturalmente eu sou uma pessoa bastante agressiva*”.

A entrevistada D fala, em certo instante, sobre como ascender na carreira está intrinsecamente ligado ao fato de ter ou não filhos, uma vez que a relação imposta pela sociedade é a de a mulher ter responsabilidade em todas as tarefas profissionais, domésticas e familiares. Ela diz que “*quem continua na carreira e vai até lá em cima, ou alguém que é realmente brilhante, ou alguém que não tem filhos, porque se dedica integralmente à carreira como um homem se dedica à carreira*”.

A atribuição de características ditas “masculinas” a mulheres é muito comum em áreas profissionais como as Ciências Exatas. Maria Helena Fávero (2010) cita Davey (2008), que, em um de seus trabalhos, fala sobre os procedimentos adotados por mulheres em suas identidades e carreiras e apresenta relatos de mulheres jovens em áreas tidas como masculinas como a Tecnologia da Informação e a Engenharia. Nas entrevistas, nenhuma questão de gênero era colocada de forma direta, mas as entrevistadas abordavam o tema espontaneamente:

Nos resultados deste estudo, os dados mostram que as participantes negavam sofrer discriminações de gênero e diziam ter construído suas carreiras com base em suas competências. Entretanto, é importante apontar que os dados também apresentam que essas mulheres desempenhavam funções e características construídas socialmente como “masculinas”, como terem menos responsabilidades familiares, serem mais racionais etc. “Elas enfatizam a atividade política organizacional como uma forma de sociabilidade baseada na identidade e estilo de interação masculina e não feminina” (FÁVERO, 2010, p. 185).

Outro exemplo citado por Fávero (2010) apresenta um trabalho de Besecke e Reilly (2006) que enumera aspectos importantes sobre a questão de haver poucas mulheres em áreas profissionais de predominância masculina e conclui com algumas afirmações:

“1. a existência de vieses de gênero e contextos discriminatórios no ensino de meninos e meninas e moças e rapazes no que se refere ao ensino de matemática e ciências de um modo geral, o que prejudica o desenvolvimento da autoconfiança e a escolha futura das meninas por carreiras relacionadas às ciências e tecnologias;

2. a existência de concepções estereotipadas na sociedade em geral, sobre o que seja ser cientista, tomado erroneamente como brilhantes e ao mesmo

tempo socialmente incompetente;

3. a importância de que todos os estudantes e particularmente as meninas tenham experiências positivas em relação à ciência e que tomem consciência dos estereótipos de gênero, sobretudo aqueles relacionados à dicotomia razão e emoção e de sua articulação com as escolhas profissionais.” (FÁVERO, 2010, p. 189)

Essa atribuição do feminino e masculino relacionada às profissões é uma discussão que, segundo Michelle Perrot (2005), vem do prolongamento de funções ditas “naturais”, maternais e domésticas, que constrói um modelo de mulher que é compatível com profissões como enfermeira, assistente social, professora primária, costureira e assistente. Essas funções são, na verdade,

“Qualificações reais fantasiadas como ‘qualidades’ naturais e subsumidas a um atributo supremo, a feminilidade: tais são os ingredientes da ‘profissão de mulher’, construção e produto da relação entre os sexos.” (PERROT, 2005, p. 253)

Assim, codificar homens e mulheres em “pacotes” de características físicas fixas como se só existisse um tipo de mulher e um tipo de homem universal, afasta as mulheres de profissões que elas julguem não se encaixarem no estereótipo esperado, ou, se elas não se afastam, levam-nas a papéis diferentes daqueles prescritos socialmente. Há, portanto, a “profissão de mulher”, descrita por Perrot (2005), fruto de construções sociais, ou seja, pode assumir diferentes configurações, dependendo do tempo e do local histórico.

“Enraizada no simbólico, no mental, na linguagem, o ‘ideal’, a noção de ‘profissão de mulher’ é uma construção social ligada à relação entre os sexos. Ela mostra as armadilhas da diferença, inocentada pela natureza, e erigida em princípio organizador, em uma relação desigual.” (PERROT, 2005, p. 258)

Ainda, essa relação desigual é alimentada no próprio ambiente de trabalho, por meio de violências muitas vezes não intencionais (FÁVERO, 2010). Esse lugar feminino é, a todo momento, questionado por meio de vieses sutis e discriminações simbólicas e indiretas. E isso significa que o lugar da mulher no feminino construído socialmente pode ser questionado de qualquer forma, mesmo que indiretamente: se há cuidado com a família e se esta é posta como prioridade, a competência profissional pode ser colocada em dúvida; se não se dedica à família ou se não tem família, é uma mulher “mal-amada”, “encalhada”, “solteirona”, “masculina”. Invertendo-se os papéis, é nítida a diferença feita pela sociedade: os homens nessa mesma condição são estudiosos ou trabalhadores; e, na primeira condição, são super-heróis que conseguem fazer tudo.

Conclusões

Em síntese, nossos resultados corroboram a literatura (por exemplo, FÁVERO, 2010) mostrando que se estabelece, para as mulheres cientistas, uma difícil opção: se não queremos, mulheres, ter o trabalho questionado, a competência posta em dúvida, a credibilidade em risco, o lugar a se assumir seria o de não-mulher.

“O saber é contrário à feminilidade. [...] É por isso que Eva cometeu o pecado supremo. Ela, mulher, queria saber; sucumbiu à tentação do diabo e foi punida por isso. As religiões do Livro (judaísmo, cristianismo, islamismo) confiam a Escritura e sua interpretação aos homens. A Bíblia, a Tora, os versículos islâmicos do Corão são da alçada dos homens. [...] Ao fazer da leitura da Bíblia um ato de obrigação de cada indivíduo, homem ou mulher, ela

contribuiu para desenvolver a instrução das meninas.” (PERROT, 2007, p. 91)

As concepções estereotipadas acerca das “características ideais” que mulheres devem ter para determinadas carreiras como as Ciências Naturais, sobretudo a dicotomia “razão” e “emoção”, características atribuídas essencialmente a homens e mulheres, respectivamente, exercem grande influência nos estereótipos que distanciam as mulheres das áreas científicas, já que moldam, socialmente, o que é ser cientista no âmbito daquilo que é construído como “natural”, e, assim, alimentam a relação desigual de poder existente na sociedade, e, por consequência, nessas áreas (FÁVERO, 2010).

Agradecimentos e apoios

R. R. agradece à CAPES pela bolsa concedida.

Referências

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAMPOS, H. de. A arte no horizonte do provável. São Paulo: Perspectiva, 1977.

CONNELL, R. Gênero: uma perspectiva global. São Paulo: nVersos, 2015. 335 p.

D’AGORD, M. A negação lógica e a lógica do sujeito. *Ágora*, v. IX, n. 2, p. 241-258, julho/dezembro 2006.

DAVEY, K. M. Womens’s accounts of organizational politics as a gendering process. *Gender, Work and Organizational*, v. 15, n. 6, p. 650-671, nov., 2008.

FÁVERO, M. H. Psicologia do gênero: Psicobiografia, Sociocultura e Transformações. Curitiba: Editora UFPR, 2010, 435 p.

FREGE, G. A negação: Uma investigação lógica. In: *Investigações lógicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1918-1919/2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Indicadores IBGE: Principais destaques da evolução do mercado de trabalho nas regiões metropolitanas abrangidas pela pesquisa, 2003 a 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/retrospectiva2003_2013.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2016.

JUNQUEIRA, R. D. “A homofobia não é um problema. Aqui não há gays nem lésbicas!”: Estratégias discursivas e estados de negação da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero nas escolas. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 9, n. 1, p. 123-139, 2010.

MEIHY, J. C. S. B. Os novos rumos da História Oral: o caso brasileiro. *Revista de História*. n. 155, p. 191-203, 2006.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. *Revista de Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

PERROT, M. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, p. 09-18, v. 9, n. 18, agosto/setembro, 1989.

_____. As mulheres ou os silêncios da história. Bauru: EDUSC, 2005.

_____. Mina história das mulheres. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

RATINAUD, P., DEJEAN, S. Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRAMUTEQ). Laboratoire LERASS. Versão 0.6, alpha 3, 2008.

SCHIENBINGER, L. O feminismo mudou a ciência? Trad. Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). Unesco Science Report: Towards 2030. UNESCO Publishing, 2015. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002354/235406e.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2016.